

TEXTOS CRITICOS

CRITICAL TEXTS

Exposição Visceral Art
Galeria Baró - São Paulo - 2019
Marcus de Lontra Costa - Curador

A obra de Josafá Neves revela a potência de imagens obliteradas pelo discurso oficial colonizador e patriarcal. Aqui não há espaço para acomodações, para discursos conciliatórios que objetivam criar uma falsa ideia de harmonia e integração racial num país majoritariamente formado por mestiços, filhos do estupro de mulheres negras da parte do homem branco, e que continua a marginalizar e desmerecer a enorme contribuição cultural da arte afro-americana.

A história da arte oficial brasileira é o retrato dessa imagem apagada, desse silêncio que ignora a contribuição africana para valorizar tão-somente a presença européia, seus movimentos, suas estratégias de articulação de poder e dominação. Mesmo no modernismo, em sua proposta igualitária e transformadora, a presença de grandes artistas negros se justificava através de discursos críticos que equivocadamente aliavam tais artistas a movimentos construtivos europeus, esquecendo deliberadamente a geometria primeva, essencial, presente nos totens, nos ritos, nas máscaras, nos troncos, nos corpos.

A exposição que o artista apresenta reúne obras de potência visual marcante, nas quais imagens resultantes do sincretismo religioso constroem o imaginário místico brasileiro, como no caso de Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil, afirmando a sua negritude, e aludem à saga de violência contra as mulheres negras no país, da escrava Anastácia amordaçada até Marielle Franco, mulher negra assassinada por defender a liberdade e a democracia. Até quando?

Este é o brado que as telas de Josafá expressam: até quando esse país insistirá em não admitir a violência que embasa a nossa história e que justifica a tragédia de um povo que não se reconhece no espelho? Entretanto, é preciso lutar, é preciso resistir, é preciso revelar. Josafá abraça esse compromisso, "todo artista deve ir aonde o povo está", e assim cria imagens povoadas de beleza e sofrimento, realidade e mistério, medo e encantamento.

A pintura é, nesse caso, ferramenta poderosa do discurso e ela se justifica pelo seu contexto de luta e participação, pela sua verdade, pela força de sua ideia que a forma e a cor constroem de maneira determinante. Visceral art reúne obras de contundência raras vezes vista no

comportado circuito comercial das artes. O artista optou pelo título em inglês no sentido de desprezar nacionalismos e acentuar o caráter internacional de denúncia da violência de raça cometida no Brasil.

Elas são trabalhadas de maneira direta, criando uma epiderme pictórica de conteúdo fortemente gráfico e são, elas próprias, resultado de fontes de inspiração distintas, acentuando seu caráter mestiço e multicultural, pois dialogam com a gráfica expressionista de origem germânica e com a pintura corporal africana, prática tradicional de celebração e identificação étnica e cultural. No momento em que, apesar dos pesares, a voz negra se projeta no cenário cultural com ações institucionais de destaque e com a existência, pela primeira vez em nossa história, de um segmento poderoso de artistas negros reconhecidos pelo circuito artístico contemporâneo, a presença, entre eles, de Josafá Neves reafirma os compromissos de construção de uma estética nacional verdadeira e corajosa, que assuma as nossas desigualdades e preconceitos no intuito de superá-los para que possamos criar um país que ofereça a todos os seus habitantes cidadania plena e igualdade de oportunidades.

Exhibition Visceral Art
Galeria Baró - São Paulo - 2019
Marcus de Lontra Costa - Curator

Josafá Neves' work reveals the power of images obliterated by the official colonizing and patriarchal discourse. There is no room here for accommodation, for conciliatory speeches that aim to create a false idea of harmony and racial integration in a country mostly formed by biracial people, children of the rape of black women on the part of the white man, and which continues to marginalize and undermine the enormous contribution culture of African American art.

The official Brazilian history art is the portrait of this erased image, of this silence that ignores the African contribution to enhance only the European presence, its movements, its strategies for articulating power and domination. Even in modernism, in its egalitarian and transformative proposal, the presence of great black artists was justified through critical discourses that mistakenly combined these artists with European constructive movements, deliberately forgetting the primeval, essential geometry present in totems, in rites, in masks, on the trunks, on the bodies.

The exhibition that the artist presents brings together works of remarkable visual power, in which images resulting from religious syncretism build the Brazilian mystical imagination, as in the case of Nossa Senhora de Aparecida, patron saint of Brazil, affirming its blackness, and alluding to the saga of violence against black women in the country, from slave Anastácia gagged to Marielle Franco, black woman murdered for defending freedom and democracy. Until when?

This is the cry that the paintings of Josafá express: how long will this country insist on not admitting the violence that underlies our history and that justifies the tragedy of a people that does not recognize itself in the mirror? However, it is necessary to fight, it is necessary to resist, it is necessary to reveal. Josafá embraces this commitment, "every artist must go where the people are", and thus creates images populated with beauty and suffering, reality and mystery, fear and enchantment.

In this case, painting is a powerful tool for discourse and it is justified by its context of struggle and participation, by its truth, by the strength of its idea that shape and color are decisively constructed. Visceral art gathers striking works rarely seen in the well-behaved commercial

circuit of the arts. The artist opted for the title in English in order to despise nationalisms and accentuate the international character of denouncing the racial violence committed in Brazil.

They are worked in a direct way, creating a pictorial epidermis with strongly graphic content and are themselves the result of different sources of inspiration, accentuating their mixed and multicultural character, as they dialogue with the expressionist graphic of Germanic origin and with African body painting. , traditional practice of celebration and ethnic and cultural identification. At a time when, despite the regrets, the black voice is projected on the cultural scene with prominent institutional actions and with the existence, for the first time in our history, of a powerful segment of black artists recognized by the contemporary artistic circuit, the presence, among them, Josafá Neves reaffirms the commitments to build a true and courageous national aesthetic, which assumes our inequalities and prejudices in order to overcome them so that we can create a country that offers all its inhabitants full citizenship and equality of opportunities.

Exposição Orixás
Museu Nacional da República
Brasília - 2020
Marcus de Lontra Costa - Curador

"Brasil, meu nego
deixa eu te contar
a história que a história não conta
o avesso do mesmo lugar
na luta é que a gente se encontra"

Guardiões da Liberdade
Samba Enredo Mangueira 2019

Para enfrentar o mistério da existência, o Ser Humano se vale de três ferramentas essenciais, surgidas do medo e da curiosidade: a ciência, a religião e a arte. Elas respondem aos anseios de uma espécie que busca inovar, pesquisar e criar para obter respostas àquilo que transcende o real. Os objetos artísticos situam-se na confluência entre a técnica e a poesia e são, ao mesmo tempo, filhos da ciência e corporificações do culto e da fé, atuando como elementos fundamentais nos ritos religiosos.

Ao longo da história, arte e religião atuam como ações complementares, uma alimentando a outra, sedimentando valores e subvertendo conceitos. No Brasil, o colonizador europeu trouxe as suas imagens e implantou entre nós as curvas e dobras do Barroco, arte da imperfeição, temente a Deus. Posteriormente, com a chegada de milhões de pessoas escravizadas, surgem novas imagens, oriundas dos cultos da fé que foram perseguidos e direcionados para os desvios da marginalidade.

As obras produzidas por Josafá Neves para essa exposição revelam a potência de imagens desprezadas pelo discurso oficial. Aqui não há espaço para acomodações, para discursos conciliatórios, que busquem criar uma falsa ideia de harmonia e integração social num país

majoritariamente formado por mestiços, filhos do estupro de mulheres negras por parte do homem branco.

A história da arte brasileira, escrita por homens brancos, é o retrato dessa imagem deliberadamente obliterada, que ignora a arte e a cultura vindas da África para valorizar tão somente a presença europeia como única matriz de conhecimento e saber. Mesmo no passado recente, a presença de artistas negros no modernismo – ainda reduzida – é justificada somente através de discursos críticos, que associam tais artistas a estratégias do movimento Naif ou a movimentos construtivistas europeus, desprezando a geometria presente nos totens, nos ritos, nas máscaras e nos corpos africanos. A história da arte brasileira reflete a imagem de um país que não se reconhece, que não se identifica como nação multiétnica.

Nesse triste momento da vida nacional, onde a religião, fenômeno essencial para a comunhão humana, é assaltada pela intolerância e pelo ódio, a mostra "Orixás", de Josafá Neves, é um marco para se reconhecer a força da arte e da cultura de origem africana. E ela há de atuar como elemento identificador, para que os afrodescendentes se identifiquem e permaneçam na luta em defesa de seus direitos e de sua plena cidadania. Alguns aspectos simbólicos merecem destaque: o museu projetado por Niemeyer é uma grande casa, uma grande oca e, apresentados no mezanino, no mais alto espaço expositivo do local, os orixás parecem receber os visitantes em sua própria casa, criando uma atmosfera encantada de beleza e admiração, de encontro com o nosso próprio espelho, com aquilo que tentaram nos roubar, mas que resiste em nós como relíquia e que agora se abre em cantos de plenitude.

Nas paredes, a simbologia pictórica dos dezesseis orixás que o artista sintetiza homenageia Rubem Valentim, referência fundamental na construção da identidade cultural negra no Brasil. No centro, o imponente Xangô a todos recebe como verdadeiro anfitrião e mestre do saber e da cultura.

No térreo, numa área de característica mais intimista, o artista apresenta dezesseis cabeças em cerâmica com a simbologia e cores de cada orixá, produzidas na cidade de Tracunhaém, importante polo de artesanato e arte popular no estado de Pernambuco. Em cada extremidade, Oxum e Nossa Senhora Aparecida, exemplo marcante do sincretismo religioso brasileiro, afirmam a sua negritude e aludem à saga de violência contra as mulheres negras no Brasil. Da escrava Anastácia amordaçada até Marielle Franco, mulher negra assassinada por defender a liberdade

o brado que não se cala é de dor, indignação e revolta. Até quando esse país insistirá em não reconhecer a violência contra seu próprio povo? Até quando seremos cordeiros de um discurso apaziguador, que atende somente a interesses que visam a manutenção de privilégios, numa sociedade dividida pela cor?

Por suas qualidades intrínsecas e por sua necessária presença no atual momento político e cultural do país, a mostra "Orixás" marca um momento importante na construção de uma estética que reflita a complexidade e a diversidade das manifestações artísticas brasileiras, e é preciso aplaudir o Museu da República de Brasília por esse protagonismo e por permitir que esse evento ocorra inicialmente na capital do país. A história da arte no Brasil começa a refletir o que somos na verdade. Na arte, a contaminação cultural sempre ocorreu.

O cubismo, como sabemos, é também fruto direto da arte africana, de suas máscaras de forte apelo religioso e simplificação formal. Josafá Neves, por sua vez, contamina suas obras com referências expressionistas, com elementos oriundos do concretismo ocidental, associando-os aos signos arquetípicos e soluções formais presentes na escultura e na pintura corporal africana. Essa é a dança, esse é o canto, essa é a essência da arte que Josafá Neves nos entrega como oferenda. Axé!

Exhibition Orixás
Museu Nacional da República
Brasília - 2020
Marcus de Lontra Costa - Curator

*"Brazil, my nigga
let me tell you
the story that the History doesn't tell
the reverse of the same place
in the fight is that we find each other"*

Guardians of Freedom
Samba Plot of Mangueira, 2019

In order to confront the mystery of existence, the Human Being makes use of three essential tools, arisen from fear and curiosity: science, religion and art. They respond to the anxieties of a species which seeks to innovate, research and create so as to have answers concerning what transcends the real. Artistic objects are situated in a confluence between technique and poetry and they are, at the same time, children of science and incorporations of cult and faith, acting as fundamental elements in religious rites.

Throughout history, art and religion function as complementary actions, the one feeding upon the other, settling values and subverting concepts. In Brazil, the European colonizers brought their images and implanted in our midst the curves and folds of the Baroque, an art of imperfection, a God-fearing one. Subsequently, with the arrival of millions of enslaved people, new images appeared, originating from cults of faith which were persecuted and driven to the deviations of marginality. The works produced by Josafá Neves for this exhibition reveal the potency of images despised by our official discourse. Here there is no room for accommodations, for conciliatory discourses, which seek to create a false idea of harmony and integration in a country constituted in its majority by mestizos, children of the rape of black women by the white man.

Brazilian art history, written by white men, is the picture of this deliberately obliterated image, which ignores the art and the culture arriving from Africa only to appraise the European presence as the single matrix of knowledge and wisdom. Even in the recent past, the presence of black artists within Modernism – still limited – is only justified through critical discourses, which associate such artists with strategies from the Naif movement or with European constructivist movements, despising the geometry present in African totems, rites, masks and bodies. Brazilian art history reflects the image of a country which does not recognize itself, which does not identify itself as a multi-ethnic nation.

At this sad moment of our national life, in which religion, an essential phenomenon for human communion, is assaulted by intolerance and hatred, the exhibition "Orishas", by Josafá Neves, is a landmark for acknowledging the strength of the art and culture of African origin. And it shall function as an identifying element, so that African descendants may identify themselves with it and keep the fight for the defence of their rights and their full citizenship. Some symbolic aspects are worthy of note: the museum, designed by Niemeyer, is a huge house, a huge oca (a Brazilian Indian hut) and, displayed on its mezzanine, on the highest exhibition room of the place, the orishas seem to receive its visitors at their own house, creating an enchanting atmosphere of beauty and admiration, of meeting with our own mirror, with what was attempted to be stolen from us, but which endures within us as a relic and now opens itself in chants of plentifulness. Over the walls, the pictorial symbolism of the sixteen orishas synthesized by the artist pays homage to Rubem Valentim, a fundamental reference in the construction of the black cultural identity in Brazil. In the centre, the imposing Shango receives them all as a true host and master of wisdom and culture.

On the ground floor, at an area of more intimate character, the artist displays sixteen ceramics heads with the symbology and colours of each orisha, manufactured in the city of Tracunhaém, an important pole of craftsmanship and popular art in the state of Pernambuco. On each extremity, Oshun and Our Lady of Aparecida, a remarkable example of Brazilian religious syncretism, assert their blackness and allude to the saga of violence against black women in Brazil. From Anastácia the gagged slave to Marielle Franco, a black woman assassinated for defending freedom, the yell which does not fall silent is one of pain, indignation and revolt. How long will this country insist on not acknowledging the violence against its own people? How long will we be lambs of an appeasing discourse, which only attends to interests that aim at the maintenance of privileges, in a society divided by colour?

For its intrinsic qualities and for its necessary presence at the current political and cultural moment of our country, the exhibition "Orishas" marks an important occasion in the construction of an aesthetics which reflects the complexity and diversity of Brazilian artistic manifestations, and the Museum of the Republic in Brasília must be acclaimed for such protagonism and for allowing that this event initially occur in

the capital of the country. Art history in Brazil starts to reflect what we truly are. Within art, cultural contamination always occurred. Cubism, as we know, is also a direct fruit of African art, of its masks of a strong religious appeal and formal simplification. Josafá Neves, in turn, contaminates his works with expressionist references, with elements originating from Western Concretism, associating them with archetypal signs and formal solutions present in African sculpture and body painting. This is the dance, this is the chant, this is the essence of the art which Josafá Neves delivers to us as an offering. Ashé!

Exposição Diáspora
Caixa Cultural Brasília
2017
Bené Fonteles - Curador

Além da luz e da sombra...

Depois de cinco séculos da Diáspora Negra, um artista negro, ao contrário da dispersão, reúne numa mostra contundente e forte, retratos da redenção de um povo que, junto com os povos indígenas, mais do que cara, deu coração e identidade à nação brasileira: deu-nos alma com arte poética!

Somos recebidos na mostra por um Oxóssi, o orixá senhor das florestas, todo encarnado em madeira de raízes de árvores. A deidade montada sobre estranho bicho incrustado de chifres de boi, é vinda do mundo dos invisíveis. O orixá tem a mão forjada em bronze e como matriz modelar a mão do próprio artista que segura arco e flecha de Oxóssi, seu símbolo e ferramenta que lhe âncora no terreiro e nas oferendas.

Frente a Oxóssi está a grande tela em que Oxalá é reverenciado e amado por seus filhos como a luz solar e a consciência divina firmada no humano. No meio da densidade de cores escuras, Oxalá ilumina e evoca a sabedoria de sua condição anciã de sábio da tribo e no reino dos orixás, o qual pertence ao panteão maior.

A série "navios negreiros" nos toca pela denúncia da condição miserável em que os escravos vindos d'outro lado do Atlântico eram transportados nas galés – quase um milhão, diz-se, morreram na dura travessia – e que se transformam nas pinturas em revoltados, feras, ratos disputando restos, no rastro do esquecer origens que tiveram que fazer ainda em África, contornando as "árvores do esquecimento", num ritual cruel contra a memória afetiva e ancestral.

A série de retratos, quase anti-retratos, desfilam personagens fundamentais à cultura do Brasil, como Pixinguinha, Milton Santos, Clementina de Jesus, Mãe Stela de Oxóssi, Cartola, Elza Soares, Luiz Gonzaga, Gilberto Gil, Nelson Sargento, Itamar Assunção e outros. Quase todos pintados

em gestuais de desconstrução, não só do imagético, mas de suas próprias personalidades públicas fixadas pela mitologia das linguagens das mídias.

Os "retratados" são mais do que são. Aparecem também seus lados sombrios em meio ao denso pretume que predomina para realçar o essencial das cores. Suas almas parecem guardar desvelados sofrimentos e mistérios evocados da escraavidão até cá.

Josafá mostra mais que o reinado das aparências. Quer mais do que pareças dos seus personagens vindas da admiração e respeito que sente pelas suas atitudes cidadãs e artísticas. Recria mais que retrata ao tirá-los do mundo das sombras, fazendo saber que eles também têm seus lados sombrios.

Sim, o ser sombrio, o sofrido, o interno, ganha dimensão quase onírica, mítica. Sabe-se que o milagre da redenção negra foi tirar do sofrer cotidiano tanta refinada arte, e em tantos geniais sambas uma triste alegria que faz nossos intérpretes do verdadeiro Brasil cantarem sorrindo o que às vezes tem o dom de trágico.

Vejam a poesia e a interpretação sentida, perfeita e precisa de suas composições, como o fazem os mestres Cartola, Nelson Cavaquinho e Lupicínio Rodrigues. Suas canções, que nenhum outro intérprete poderia cantar com a mesma propriedade, altivez e sabedoria de suas experiências existenciais. Pois exala verdade e integridade de suas sabedorias e dissabores amorosos que invadiram nosso imaginário para sempre e nos fizeram leais ao que somos e transcendemos.

O extraordinário autorretrato de Josafá transcende, entre o negro e o magenta, com espertas sutilezas cromáticas como a que está em várias outras telas. A obra muda de cor e forma ao descolamento de nossos corpos e incidências de luz, como acontece em outras pinturas - como a de Elza Soares, "carneira", que ganha força lúdica no desvelar e velar-se intensamente.

É esta "carneira" que habita muitas das pinturas, figura e fundo, que se fundem com sabedoria na fartura pictórica, serve de moldura para seres que estão além de si mesmos num mundo mitopoético como a morada dos seus ancestrais africanos. Seres que nunca deixam de ter pertencimento a suas raízes, reconhecem-nas profundas ou não. Não importa de que geração ou mestiçagem em séculos: todos são africanos.

Estas raízes míticas, ancestrais gravitam- no meio da mostra -em torno de um Xangô esculpido em madeira. Uma pilha de energia das pedras e montanhas a qual o orixá personifica. Ele segura seus dois machados duais da justiça e do equilíbrio e vibra sua presença real no sentido também de força e majestade. Muitos destes retratados vieram de casas e estirpes reais de além-mar, para sofrerem a humilhação das perdas.

Sabe-se que a escravidão existia entre as cortes africanas e muitos escravos foram vendidos por senhores e reis aos traficantes, e eles mesmos os eram. Também reis e rainhas chegaram aqui escravizados e grandes mães de santo da Bahia eram de linhagem real como Mãe Senhora. Basta ver o porte de nobreza de Mãe Stela de Oxóssi na pintura do artista.

Com todo o lado injusto, aqui do lado aborígene do Atlântico Sul, também foi plantada uma nova civilização que ainda nasce a cada dia imatura e sofrida. Nela ainda habita uma sociedade segregadora e desumana, que da senzala à favela, ainda teima em não subscrever e praticar os ideais abolicionistas.

A "Diáspora" pintada por Josafá Neves nos dá um soco na cara e na alma, e mais do que nos acusar, ela nos instiga, provoca para uma consciênciaalém da negritude, que felizmente nos tingem do melhor do sangue de nossos corpos mestiços e nos faz além de plurais, originais e singulares aos olhos do mundo.

Sua arte nos ilumina como faz Oxalá, que é pai de todos, de brancos, índios, negros, caboclos e reina com compaixão sobre os que podem transmutar o sofrimento em alegria criativa, em uma arte transcendente que vá além da dó e da dor.

**Exhibition Diáspora
Caixa Cultural Brasília
2017**

Bené Fonteles - Curator

Beyond Light and shadow...

After five centuries of the Black Diaspora, a black artist, instead of scattering, brings together in a scathing and strong exhibition portraits of the redemption of a people who, together with the indigenous peoples, gave more than a face, a heart and an identity to the Brazilian nation: he gave us a soul with poetic art!

We are received at the exhibition by an Oxóssi, the orixá (deity) lord of the forests, incarnated in wood from the roots of trees. The deity mounted on a strange animal embedded with horns of an ox, comes from the world of the invisible. The orixá has the hands forged in bronze and as a source model the hand of the artist, who holds the bow and arrow of Oxóssi, his symbol and tool that places him in the terreiro (yard) and the offerings.

In front of Oxóssi there is the large canvas where Oxalá is revered and loved by his children as the sunlight and the divine consciousness embroiled in the human condition. Amidst this density of dark colors, Oxalá lightens up and evokes wisdom from his ancient status as a sage of the tribe and in the kingdom of the orixás of which he is a part of the greater pantheon.

The "slave ships" series moves us by denouncing the miserable condition in which slaves from across the Atlantic were transported in the galleys – it is said that almost one million people died on this hard crossing – and which turn into paintings in revolted ones, beasts, rats, fighting for remains, in the wake of forgetting the origins they had to make still in Africa, bypassing the "trees of forgetfulness" in a cruel ritual against the affective and ancient memory. The series of portraits, almost anti-portraits, displays fundamental characters on the Brazilian culture such as Pixinguinha, Milton Santos, Clementina de Jesus, Mother Stela de Oxóssi, Cartola, Elza Soares, Luiz Gonzaga, Gilberto Gil, Nelson Sargento, Itamar Assumpção and others. Almost all were painted in gestures of deconstruction, not only of their imagery, but of their own public personas established by the mythology of the media languages.

The "portrayed" are more than they really are. Their dark sides also appear in the midst of the dense pretume (darkness) that predominates to emphasize the essentials of the colors. Their souls seem to keep unveiled sufferings and mysteries evoked from slavery until the present day.

Josafá shows more than the domain of appearances. He wants more than his characters' semblances that comes from the admiration and respect he feels in relation to his artistic and civic attitudes. He recreates more than he portrays, by taking them away from the world of the shadows and acknowledging that they also have their own dark sides.

Yes, the dismal being, the suffering one, the inner one, gets an almost dream-like, a mythical dimension. It is known that the miracle of black redemption consisted in drawing from daily suffering so much fine art, and in so many great sambas, a sort of sad joy that makes our interpreters of the real Brazil to sing smiling what sometimes has the gift of tragedy.

See the poetry and the felt, perfect and precise interpretation of his compositions, as do the master composers Cartola, Nelson Cavaquinho and Lupicínio Rodrigues. Their songs, which no other interpreter could sing with the same adequacy, haughtiness and wisdom of their existential experiences. For these songs exude the truth and integrity of their wisdom and love troubles that have forever entered our imagination and made us loyal to who we are and what we transcend. The awesome self-portrait of Josafá transcends, between black and magenta, with clever chromatic subtleties such as there are in several other canvases. The work changes its color and shape according to the detachment of our bodies and the incidences of light. The same thing happens in other paintings – like the one of Elza Soares: "carnegra" ("black flesh") that gets a playful force in its intense veiling and unveiling.

It is this "carnegra" that abides in many paintings, figure and background, which merge themselves with wisdom in the pictorial outcome. It also serves as a frame for beings who are beyond themselves, in a mythic-poetic world as the dwelling place of their African ancestors. These are beings who never cease to belong to their roots, identifying them to be deep or not. It does not matter the generation or miscegenation in the centuries: everyone is African.

These mythical, ancient roots gravitate – in the middle of the exhibition – around a Xangô carved in wood. It is a pile of energy from the stones and mountains which the orixá personifies. He holds his two dual axes of justice and balance, and he makes his royal presence felt also in the sense of strength and majesty.

Several of these portrayed came from houses and real lineages from across the Atlantic, to suffer the humiliation of losses. It is known that slavery existed among the African courts and that many slaves were sold by lords and kings to the traffickers, who were themselves lords and kings. Kings and queens also arrived here enslaved, and great mães de santos (mothers of saints) from Bahia were of royal lineage as Mother Lady. To acknowledge this it is enough to see the nobility of Mother Stela de Oxóssi as painted by the artist. With all its unfair side, it was implanted here, on the other also aboriginal side of the South Atlantic, a new civilization that still emerges everyday immature and suffering. In it still dwells a segregating and inhuman society that, from the senzala (slave quarter) to the favela, (slum) still do not subscribe and practice the abolitionist ideals.

The "Diaspora" painted by Josafá Neves punches us in the face and in the soul, and more than accuses us: it inspires us, raises a conscience beyond negritude (blackness), which fortunately better dyes the blood of our mixed-race bodies, and makes us plural, original and unique to the eyes of the world.

His art enlightens us as does Oxalá, who is the father of all people, whites, indigenous, blacks, caboclos, and reigns in compassion over those who can transform suffering into creative joy and into a transcendent art that goes beyond pity and pain.